



HÁ DESDOBRAMENTOS DO PRAGMATISMO PEIRCIANO NO “PRAGMATISMO INTERATIVO” DE MONTANER PARA A ARQUITETURA?

Gabriela Lima Mascarenhas Moreira
(PPGEL-UFMS)

Eluiza Bortolotto Ghizzi
(PPGEL-UFMS)

Resumo: Buscou-se, neste trabalho, identificar possíveis desdobramentos do pragmatismo de Charles Sanders Peirce (1836-1914) no “pragmatismo interativo” de Josep Maria Montaner (1954-), em seu livro “Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação” (2017). No contexto das teorias da arquitetura a partir de 1990, observa-se uma influência do pragmatismo por meio da revalorização da aplicação prática, em oposição à teoria. Afastando-se do entendimento da teoria e da prática como termos disjuntos, Montaner reúne referências tanto ao pós-estruturalismo de Foucault, Deleuze e Guattari, como ao pragmatismo peirciano, conceituando uma arquitetura pragmática a partir dos termos “Diagrama”, “Experiência” e “Ação”. A partir disso, encaminha-se uma investigação estabelecendo pontos de contato e deslocamento entre o pragmatismo interativo e o pragmatismo peirciano. Concebido como um método científico, o pragmatismo peirciano não pode ser desvinculado do realismo do autor, da conformação da representação à realidade, da capacidade da mente científica para aprender a partir da experiência, do caráter preditivo do conhecimento, sendo importante compreender sua ênfase na ideia geral e não na mera ação individual. O pragmatismo interativo de Montaner reveste-se desse caráter científico de compromisso com a realidade, defendendo que a arquitetura detenha um compromisso social. Espera-se com este estudo promover aproximações entre ambas as concepções de pragmatismo e, de modo mais amplo, entre a arquitetura e o pragmatismo peirciano, a fim de discutir possíveis contribuições deste para a arquitetura.

Palavras-Chave: Charles Sanders Peirce. Pragmatismo. Pós-estruturalismo. Arquitetura.

ARE THERE DEVELOPMENTS OF PEIRCEAN PRAGMATISM IN MONTANER'S "INTERACTIVE PRAGMATISM" FOR ARCHITECTURE?

Abstract: *In this work, we sought to identify possible developments of Charles Sanders Peirce's (1836-1914) pragmatism in Josep Maria Montaner's (1954-) "interactive pragmatism" for architecture, in his book "From diagram to experiences, towards an architecture of action" (2017). In the context of the theories of architecture and urbanism since 1990, one can observe an influence of pragmatism through the revaluation of practical application, as opposed to theory. Moving away from the understanding of theory and practice as disjoint terms, Montaner brings together references to Foucault's, Deleuze's and Guattari's post-structuralism as well as to Peircean pragmatism, conceptualizing a pragmatic architecture by using the*

terms "Diagram", "Experience" and "Action". An investigation is then conducted, establishing points of contact and displacement between interactive pragmatism and Peircean pragmatism. Conceived as a scientific method, Peircean pragmatism cannot be separated from the author's realism, from the conformation of representation to reality, from the capacity of the scientific mind to learn from experience, from the predictive character of knowledge, and it is important to understand its emphasis on the general idea rather than on mere individual action. Montaner's interactive pragmatism takes on this scientific character of commitment to reality, also defending that architecture should have a social commitment. It is hoped that this study will promote approximations between both conceptions of pragmatism and, more broadly, between architecture and Peircean pragmatism, in order to discuss its possible contributions to architecture.

Keywords: Charles Sanders Peirce. Pragmatism. Post-structuralism. Architecture.

Introdução/Contextualização

Propõe-se estabelecer aproximações entre o “pragmatismo interativo” de Josep Maria Montaner (1954-) para a arquitetura, tal como exposto em seu livro “Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação” (2017), e a filosofia pragmatista de que Charles Sanders Peirce (1836-1914) é considerado fundador, e que propõe reconhecer uma continuidade entre a teoria e a prática, o pensamento e a ação, o geral e o particular, conforme atendem à postura realista do autor. Para isso, são apresentados os fatores que motivaram o discurso acerca de uma arquitetura pragmática no final do século XX, fundada no confronto entre as teorias pós-estruturalistas e o pragmatismo, com destaque para o modo como no pragmatismo de Montaner há uma consolidação da concepção de arquitetura, não mais como objeto construído ou disciplina autônoma, e sim como um conhecimento em transformação, o que o aproxima do pensamento de Peirce.

Pragmatismo foi o nome atribuído por Peirce a um método praticado desde a Antiguidade, reformulado no século XIX pelo Clube Metafísico, grupo de pensadores estadunidenses, entre os quais se destacam também James e Dewey (DE WAAL, 2007). A partir de textos escritos por Peirce por volta de 1870, diferentes formulações do pragmatismo foram produzidas na relação com outros teóricos e áreas do saber, embora sejam predominantes as interpretações próximas ao trabalho de James, que desenvolveu a doutrina como um “practicalismo”, de modo que o termo “pragmático” passou a ser utilizado como equivalente a “prático”, não obstante as intenções de Peirce. Segundo De Waal (2007), o pragmatismo tornou-se uma verdadeira escola de

pensamento estadunidense, mas seus críticos fazem disto um pretexto para reduzir a doutrina a um reflexo do capitalismo. No campo da arquitetura, observam-se dois momentos de influência do pragmatismo: ainda na década de 1990, com ênfase na prática; e, mais recentemente, no livro publicado por Montaner (2017).

A história da arquitetura é caracterizada pela reiteração de um debate que coloca em confronto a teoria e a prática, a mente e a matéria, o ideal e o real, termos frequentemente entendidos como opostos de uma relação de disjunção. Se Vitruvius definiu a arquitetura como a arte de construir, muitos arquitetos contemporâneos buscaram distinguir entre arquitetura e construção, favorecendo uma definição de arquitetura como um processo de concepção. Tal distinção fundamenta-se em outros precedentes, como “A Filosofia da Arte”, em que Hegel (1920) conceitua a arquitetura como conformação artística imposta à realidade material, em que o ideal é incapaz de realização concreta. Por volta da década de 1970, a elaboração de teorias críticas em reação à crise da arquitetura moderna fomentou a difusão de uma arquitetura mais conceitual, de bases historicista e pós-estruturalista, enquanto o reconhecimento de novas realidades urbanas, econômicas e sociais em formação a partir de 1990 impulsionou a necessidade de experimentação, de aplicação prática e de ação (SYKES, 2013).

Nesse momento, a arquitetura pragmática assumiu uma tendência predominantemente “praticalista”, diferentemente das teorias críticas pós-modernas, pois estas se comprometeram com debates ocorridos nos campos da filosofia e da literatura, alienando-se do ambiente construído (OCKMAN, 2000). Embora o pragmatismo tenha originado posicionamentos radicais no campo da arquitetura, promoveu em contrapartida a preocupação com aspectos relevantes da realidade, como a redefinição das fronteiras após o neocolonialismo e a guerra fria, os usos do espaço público, a inovação tecnológica e a responsabilidade ambiental (OCKMAN, 2000).

Nesse contexto, Somol e Whiting (2013) propõem a transição do paradigma crítico para o projetivo, dirigido à articulação de fatores como tecnologia, material e programa no âmbito do projeto. Van Toorn (2013) analisa que em sua oposição permanente ao capitalismo, a arquitetura crítica, considerada utópica, produziu um elaborado discurso interno sem desenvolver soluções concretas, revelando-se mais reativa do que proativa, enquanto as práticas projetivas evoluem com os processos de projeto e construção. O autor, no entanto, defende a retomada da utopia como referência para uma prática capaz de propor novas perspectivas sociais, pois ao admitir uma

neutralidade teórica e política, a arquitetura projetiva isentou-se da responsabilidade com os efeitos sociais que produz.

Já Rajchman (2013) repensa o papel da crítica sem renunciar a um posicionamento teórico, conceituando um “novo pragmatismo” do diagrama e do diagnóstico, a partir de como esses termos são definidos por Foucault e Deleuze. Ao assumir uma postura antideterminista, ele declara não ser possível antecipar o futuro, apenas experimentar um processo constante de transformação do presente. O diagrama é o mecanismo utilizado para diagnosticar esse processo, romper sua continuidade e produzir novas possibilidades, as quais reafirmam um movimento de tornar-se algo diferente. Para Deleuze (1997), o indefinido não necessita de determinação, pois é a determinação do devir. Imaginário e realidade sobrepõem-se em um espaço que não é somente constituído de trajetos, pois são preenchidos por constelações afetivas. Os mapas ou diagramas de densidades ou intensidades registram os afetos, e os dois modelos de mapa, do trajeto e do devir, são necessários para o diagnóstico da realidade.

1. O Pragmatismo em Montaner

Em *Do diagrama às experiências*, rumo a uma arquitetura de ação, Montaner (2017) procura situar-se em relação a outras propostas referentes ao pragmatismo na arquitetura. Ele afirma distanciar-se da “ação pela ação” decorrente do movimento pós-crítica, como promovido por Somol e Whiting, e defende o pragmatismo como uma teoria que se constrói com a experiência, adotando a premissa básica do pragmatismo estadunidense para admitir não ser possível separar a arquitetura de suas consequências para o contexto e a conduta da vida. Embora ele reconheça o pragmatismo clássico de Peirce, James e Dewey como precedente, defende que seu “pragmatismo interativo” se alinhe com o pós-estruturalismo de Foucault, Deleuze e Guattari, como o fez Rajchman.

O pós-estruturalismo exerceu grande influência na teoria da arquitetura ao abordar questões relativas às artes, ao espaço e à cidade, pensados em relação à complexidade da realidade urbana e social contemporânea. Para Montaner (2017), é importante o modo como, com o pós-estruturalismo, a arquitetura passa a ser entendida como articulação das construções mental, ecológica e social, nos moldes da ecosofia de Guattari (2001), além de construção física, o que aponta para um novo urbanismo capaz de incorporar essas diferentes dimensões.

“Diagrama”, “Experiência” e “Ação” constituem a tríade conceitual de Montaner (2017) para pensar uma arquitetura pragmática. O (1) diagrama é entendido como um recurso gráfico que se adequa tanto à análise (passado) como ao projeto (futuro); enquanto a (2) experiência individual com a arquitetura é um fator de correção da disposição do diagrama à abstração excessiva, atualizando-o a partir da dimensão do sensível e do vivido. Já a dimensão social da (3) ação deve superar o caráter subjetivo da experiência e configurar um ativismo vinculado a uma postura ética. Os mapeamentos, avaliações pós-ocupação e manuais de boas práticas são citados como ferramentas utilizadas para incorporar dados da experiência ao projeto de arquitetura, enquanto os processos participativos, experiências de vida comunitária e a formação de ONGs e coletivos de arquitetos são citados como estratégias para a ação.

O pragmatismo de Montaner denomina-se interativo, pois concebe a arquitetura como um saber que articula a produção de conhecimento com o projeto para o futuro, para organizar interações entre indivíduo, sociedade e meio ambiente (as três ecologias de Guattari). O autor defende que a arquitetura possua um ideal, senão utópico, como sugere Van Toorn, ético, pois deve intervir ativamente na realidade com o objetivo de melhorá-la (Montaner, 2017). Busca nas teorias feminista e pós-estruturalista modelos que orientem a ação para a diversidade, pois entende que a arquitetura apenas existe no âmbito coletivo da *polis*.

Assim, com o pragmatismo interativo Montaner distancia-se tanto das práticas projetivas de Somol e Whiting, as quais podem gerar edifícios belos e funcionais, mas têm por fim ações isoladas, quanto do “novo pragmatismo” de Rajchman, que restringe a arquitetura à produção de diagnósticos do presente, negando sua possibilidade de planejar para o futuro, condição inerente ao projeto arquitetural. Com sua tríade conceitual, Montaner elabora um sistema de projeto sujeito a correções, envolvendo uma dimensão temporal, pois dependem da observação de efeitos futuros na vida que tem lugar nos espaços projetados, no aprendizado que geram os usos e que se torna referência para novos projetos. Deste modo ele propõe a continuidade entre os processos de projeto, intervenção e uso do espaço, o que aproxima o seu sistema projetivo do método científico peirciano.

Guattari (2001) critica a exclusão da referência à subjetividade nos processos considerados científicos ao longo do século XX. Com base nisto, Montaner (2017) propõe uma arquitetura como “saber”, em vez de ciência, para posicionar-se contra a autonomia disciplinar e legitimar o conhecimento subjetivo das qualidades e sentimentos. Em Peirce, como se verá a seguir, conhecimento e linguagem são conduzidos para além do

logocentrismo e da oposição entre teoria e prática, razão e sentimento; a ciência, ao contrário da tenacidade, da autoridade e do apriorismo, é entendida como o único método de fixação da crença que promove o diálogo com a experiência (Ibri, 2014). O pensamento científico ultrapassa, contudo, a experiência individual na medida em que deve ser baseado na observação constante da realidade, pois essa persistência é, segundo Peirce (C.P. 5.384)¹, a única referência para a produção de conhecimento que independe das opiniões individuais. A seguir apresenta-se uma breve exposição do pragmatismo de Peirce para compreensão do seu viés científico.

2. O Pragmatismo em Peirce

A filosofia em Peirce encontra-se dividida em três ramos, e o primeiro deles, base indispensável para qualquer saber pautado na experiência, é a fenomenologia, ou o estudo dos modos como os fenômenos se apresentam à consciência, configurando três categorias universais da experiência: sentimento ou qualidade, reação ou conflito e pensamento ou representação, chamadas Primeiridade, Segundidade e Terceiridade. Segundo Peirce, “A verdadeira natureza do pragmatismo não pode ser entendida sem elas” (C.P. 8.256) e, embora a Terceiridade seja o elemento “eminente característico da cognição” (C.P. 1.381), mesmo os sentimentos e o sentido de conflito constituem os processos cognitivos. À fenomenologia seguem-se as ciências normativas, as quais se referem à conformidade dos fenômenos com fins ideais, de modo que “[...] a estética considera aquelas coisas cujos fins são incorporar qualidades de sentimento, a ética, aquelas coisas cujos fins estão na ação, e a lógica, aquelas coisas cujo fim é representar algo” (C.P. 5.129). Como um método científico, o pragmatismo situa-se no âmbito da lógica, pois ensina a determinar o significado de conceitos para que consistam em representações verdadeiras da realidade.

Segundo Santaella (2005), o pensamento científico deve submeter suas conclusões de evidências a revisões, pois novas teorias podem sugerir representações mais precisas. Essas representações são públicas, pois o método deve conduzir a um consenso, ou verdade, ainda que provisória (C.P. 5.384). Apenas no âmbito da ação ou experiência é possível verificar se há conformidade entre teoria e realidade, e assim o conhecimento assume um sentido futuro, pois depende da permanência dessa

¹ A sigla C.P. é a referência usual utilizada para os *Collected Papers* de Charles Sanders Peirce. O primeiro número corresponde ao volume do livro citado, e o segundo número ao parágrafo.

conformidade no tempo. A correspondência entre fenômeno e conceito produz a crença, cuja essência é a formação de hábitos que orientam a ação futura (IBRI, 2015).

Em sua máxima pragmática, Peirce afirma: *“Para averiguar o significado de um conceito intelectual, deve-se considerar quais consequências práticas podem concebivelmente resultar por necessidade da verdade daquele conceito; e a soma dessas consequências constituirá todo o significado do conceito”* (C.P. 5.9, grifo do autor). Ibri (2015, p. 139), por sua vez, observa que “[...] a primeira questão que naturalmente surge refere-se ao que entende o autor por ‘consequências práticas’”, expressão que conduziu outros teóricos, como James, a interpretações equivocadas das ideias de Peirce. Tais consequências não residem em ações isoladas, mas na tendência à generalização dos hábitos da conduta racional, deliberada, de modo que eventos ou comportamentos possam ser antecipados sob circunstâncias concebíveis (C.P. 5.467). A ação enquanto conduta racional deve ser entendida, portanto, como um estágio ou operação do pensamento, pois seu caráter intelectual reside na “harmonia” de seus propósitos, na sua capacidade de “[...] interpretação racional para um pensamento futuro” (C.P. 7.361; C.P. 8.272).

O pragmatismo de Peirce reconhece uma continuidade entre pensamento e ação, negando “A velha noção dualista de mente e matéria, tão proeminente no cartesianismo, como dois tipos radicalmente diferentes de substância [...]” (C.P. 6.24). Tal afirmação permeia outros segmentos de sua filosofia, abrangendo a Metafísica, o Evolucionismo, a Cosmologia, o Idealismo e o Sinequismo. O Sinequismo corresponde à doutrina da continuidade, de que se tratou aqui, derivada de seu Idealismo, com o qual ele assume que os universos interior e exterior são da mesma natureza, a do pensamento, o que é condição para a inteligibilidade do real (IBRI, 2015). Peirce (C.P. 7.570) afirma: “[...] o sinequista não vai admitir que fenômenos físicos e psíquicos são inteiramente distintos, [...] mas insistirá que todos os fenômenos são de um caráter, embora alguns sejam mais mentais e espontâneos, outros mais materiais e regulares”. Uma implicação do Sinequismo é a continuidade entre as consciências individual e social.

Retornando às ciências normativas, observou-se como isto se relaciona com a estética, a ética e a lógica peircianas. A máxima pragmática pode ser entendida como uma expressão da bondade lógica, pois se refere à conformação do pensamento racional com a verdade, consistindo em um caso especial da bondade ética, ou virtude, que é por sua vez um caso especial da estética, ou hábitos de sentimento deliberadamente orientados para um ideal admirável (C.P. 5.108-110). Segundo Peirce, o ideal estético

último só pode corresponder ao desenvolvimento da racionalidade e da harmonia do universo, compreendendo aqueles processos gerais e contínuos que não podem ser reduzidos a reações individuais (C.P. 5.3; C.P. 5.4; PARKER, 2002). Diante disto, o ideal ético ou a ação correta “[...] necessariamente envolve exercer o esforço individual conjuntamente com os esforços da comunidade ampliada [...]” (PARKER, 2002, p. 9), enquanto o ideal lógico aponta para o avanço de um processo contínuo de produção do conhecimento (C.P. 5.143).

Tendo Peirce construído uma filosofia não-fundacional, ao pragmatismo impõe-se o princípio do falibilismo. Tal como exposto anteriormente neste texto, o conhecimento, mesmo aliado ao método científico, está sujeito a falhas e à plasticidade inerente ao real (C.P. 8.319). À Primeiridade e à categoria Metafísica do Acaso Peirce vincula a liberdade e a indeterminação, ampliando o “espectro cognitivo” dos fenômenos (IBRI, 2004), sem que isto implique no desmantelamento da conduta preditiva que fundamenta a doutrina pragmatista. Isto aponta para a necessidade de atualização dos próprios ideais que determinam o que é bom ou verdadeiro, os quais devem estar sempre sujeitos à crítica filosófica.

Considerações Finais

Em Montaner (2017), a ação intencional e premeditada aproxima-se da ação racional peirciana, e o autor também institui um método e um ideal admirável para sua arquitetura pragmática. Ele reconhece a necessidade de atualização e propõe uma renovação epistemológica e terminológica para incorporar novos conceitos que emergem na sociedade contemporânea, assim como estratégias de ação no sentido de uma conduta correta, a qual ele identifica com o ativismo, ação para a diversidade e para a coletividade. Como Peirce, Montaner rejeita os significados a priori e a noção de experiência como autoridade do passado, vinculando-os aos usos coletivos da arquitetura e não mais à visão particular do autor do projeto ou de usuários isolados. Em seu livro, ele apresenta uma extensa revisão bibliográfica das teorias a que faz menção, citando autores de diferentes áreas como referência para uma arquitetura como saber interdisciplinar.

Embora deixe de desenvolver uma conceituação mais elaborada de seu pragmatismo, podem-se estabelecer relações fundamentais entre suas propostas e a filosofia peirciana. O texto de Montaner, contudo, busca estabelecer relação mais direta com as teorias pós-estruturalistas, tendo Peirce sobretudo como uma referência histórica

juntamente com James e Dewey. Isto mostra que ele não distingue a filosofia peirciana das desses dois autores, sendo ainda pouco conhecida em profundidade sua potencial contribuição para reflexões e conceitos importantes para a arquitetura e o urbanismo. Ainda assim, julga-se que Montaner promove o que poderia ser considerada uma contribuição essencial do pragmatismo peirciano: uma postura científica de compromisso com a realidade que, associada a um ideal ético dirigido ao coletivo, aponta para uma revisão da teoria e da prática, não mais como termos disjuntos, mas como etapas contínuas de produção do conhecimento na construção de uma realidade melhor.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Tradução M. C. F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **The Philosophy of Fine Art**. V. 1. Londres: Bells and Sons, 1920. The Project Gutenberg EBook. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/55334/55334-h/55334-h.htm>>. Acesso em: 9 out. 2018.

IBRI, Ivo Assad. Semiótica e Pragmatismo: Interfaces Teóricas. **Cognitio**, São Paulo, v. 5, n. 2. p. 168-179, jul./ dez., 2004. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13198>>. Acesso em: 15 out. 2018.

_____. **O Fundo Estético do Pragmatismo de Peirce**. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/index.php/sites/default/files/O_Fundo_Estu00E9tico_do_Pr agmaticismo_de_Peirce.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

_____. **Kósmos Noetós: A arquitetura Mestafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Paulus, 2015.

MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação**. Tradução Maria Luisa Abreu de Lima e Paz. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2017.

OCKMAN, Joan (Ed.). **The Pragmatist Imagination**: Thinking about “things in the making”. Nova York: Princeton Architectural Press, 2000.

PARKER, Kelly. Reconstructing the Normative Sciences. **Cognitio**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 27-45, jan-jun. 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/view/13238/9752>>. Acesso em: 15 out. 2018.

PEIRCE, C. S. **Electronic edition of The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**, reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958).

RAJCHMAN, John. Um novo Pragmatismo? In: SYKES, A. Krista (Org). **O Campo Ampliado da Arquitetura**: Antologia Teórica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento**: sonora, visual, verbal. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 2005.

_____. **A teoria geral dos signos**: Como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SILVA, Elvan. **Matéria, Idéia e Forma**: Uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1994.

SOMOL, Robert; WHITING, Sarah. Notas sobre o efeito Doppler e outros estados de espírito do modernismo. In: SYKES, A. Krista (Org). **O Campo Ampliado da Arquitetura**: Antologia Teórica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SYKES, A. Krista (Org). **O Campo Ampliado da Arquitetura**: Antologia Teórica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VAN TOORN, Roemer. Acabaram-se os sonhos? A paixão pela realidade na nova arquitetura holandesa... e suas limitações. In: SYKES, A. Krista (Org). **O Campo Ampliado da Arquitetura**: Antologia Teórica. São Paulo: Cosac Naify, 2013.